UM FATOR DE LOCALIZAÇÃO DA CIDADE DE FORTALEZA

JOSÉ AURÉLIO CAMARA

Poucos fortalezenses conhecem o córrego Pajeú; muitos ignoram até sua existência. No entanto, foi êle o principal fator de localização da capital cearense.

Suas águas foram, por igual, úteis ao flamengo e ao português na fase turbulenta da colonização. "Marajaig", era a sua bela denominação indígena — "riacho das palmeiras" — poético nome que lhe adveio das palmeiras nativas que emolduravam o seu curso. Outros nomes, porém, viria ter através dos tempos: "Ipojuca", "Telha" e finalmente aquêle que se destina a morrer com êle — "Pajeú"

Quando, a 3 de abril de 1649 a flotilha de Matias Beck fundeou na enseada do Mucuripe, a preocupação imediata do seu chefe era a escolha de um local onde pudesse erguer uma fortificação.

Cinco anos antes, os holandeses que aqui foram deixados pela expedição de 1637 haviam sido trucidados pelos índios no fortim da Barra do Ceará. À morte da guarnição seguiu-se a destruição e incêndio do aquartelamento, de modo que de 1644 a 1649 nem portuguêses nem flamengos marcaram com sua presença êsse trecho da costa.

A nova expedição vinha estabelecer na capitania as prerrogativas da Companhia. Integravam-na 298 homens e 5 embarcações e trazia consigo um objetivo bem definido: exploração das supostas minas de prata da serra de Maranguape.

Assunto prioritário e urgente era a escolha do local de fixação em terra.

Os índios, em número de 41, que vieram na expedição, facilitaram os contactos com os indígenas da terra, e logo no dia 6 foi escolhido o local da fortificação.

Matias Beck percorreu atentamente o trecho da praia que se desdobra de Mucuripe à barra do rio Ceará. Neste último local

examinou o que restava do velho fortim que os portuguêses construíram, que os flamengos ocuparam e que os indígenas destruíram. Não quis ali instalar-se porque concluiu, com o apoio dos seus oficiais e seus pilotos, que uma praça de guerra que ali se levantasse ficaria duplamente comprometida: pela distância da água doce e pelas dificuldades que a barra do rio oferecia à entrada e saída das embarcações.

Para o holandês o problema do mar era primordial. Porque vivia na dependência dos seus navios, um pôrto seguro e praticável era argumento fundamental. Nas condições em que se encontrava, a terra se lhe afigurava uma incógnita e o mar era tudo — transporte, via de comunicação, abastecimento, garantia de refôrço, possibilidade de trocas mercantis, retirada assegurada em caso de insucesso.

Não foi por outra razão que, em Pernambuco, abandonou Olinda e veio instalar a cidade de Recife.

Enquanto o português sempre se sentiu no Brasil como em casa, psicològicamente seguro da posse da terra, o batavo jamais atingiu tal estado de espírito e sempre viveu aqui na incerteza da posse e na dúvida da permanência.

O problema do suprimento de água doce não era menos sério e a distância a que ela se encontrava poderia acarretar graves reveses à guarnição, em caso de luta.

No trecho percorrido e estudado, um local, entretanto, pareceu-lhe conveniente.

O próprio chefe holandês explica no seu famoso *Diário* que sua predileção se fixou no "outeiro chamado "Marajaitiba", ao sopé do qual corre um belo rio de água dôce".

Marajaitiba — "rincão das palmeiras" — é a elevação onde hoje situa-se o Quartel-General da 10.ª Região Militar, e o belo rio de água doce outro não é que o hoje raquítico Pajeú.

É que se estava nos primeiros dias de abril, o mês das águas, e certamente o riacho, então largo e volumoso, corria com pletora de água entre árvores e ribanceiras verdejantes.

Impressionou logo o flamengo a água potável e límpida do rio e o fato de ser êste fàcilmente defensável pelo forte a ser erguido, dada a sua grande proximidade.

Num maceió existente em frente ao outeiro, mais ou menos onde hoje se vê o Pôrto da Draga, as embarcações passaram a fundear enquanto aqui permaneceram os invasores, o que vale dizer até a retirada fatídica de 1654.

O local escolhido para a fortificação — o Forte Schoonenborch — revelava-se assim desprovido dos inconvenientes encontrados na Barra do Ceará.

E o forte não tardou a se erguer no outeiro das palmeiras.

Que êste foi a origem da capital cearense é hoje ponto pacífico, e quando ela precisou de nome foi buscá-lo precisamente neste forte, que se perenizou, assim, na bela e heráldica denominação que os tempos não mudaram.

Sendo o Pajeú um fator de localização da fortificação batava, o foi também da cidade de Fortaleza.

Às suas margens se foram levantando as primeiras casas, e a primeira rua — a Rua dos Mercadores, hoje Sena Madureira — desenvolveu-se ao longo do seu curso.

O fortalezense de hoje ignora o seu rio, não lhe dá valor, não precisa mais dêle, não admira seu passado nem respeita sua velhice esclerosada. A cidade divorciou-se daquele que por mais de um século foi o seu encanto e a sua tutela. O velho rio degradou-se em córrego minúsculo, e tão raquítico e envergonhado anda que não se mostra mais a ninguém, esquecido e humilhado.

Êle, que foi o ornamento da vila colonial, quase a sua razão de ser, corre hoje aprisionado entre quintais, e sôbre seu leito assentam agora aterros e edifícios.

Às suas margens a cidade nasceu e cresceu; foi fonte de vida e fator de múltipla serventia. Sua água dessedentou os primeiros habitantes, preparou-lhes o alimento e compôs a argamassa dos tijolos e das primeiras telhas. Quando as primeiras casas surgiram, elas eram quase uma dádiva do rio, cuja água estava presente nas suas paredes, no seu chão, no seu telhado, na vida do homem que as habitava. Foi sua água que batizou os primeiros indígenas que a evangelização missionária trouxe ao grêmio cristão e, destarte, associou-se à vida social e espiritual do vilarejo.

O velho Pajeú, que há 316 anos impressionou, por sua pujança e beleza, o chefe holandês, levando-o a localizar às suas margens a fortificação de que nasceria a cidade, é hoje um condenado à morte pela própria cidade que dêle nasceu.

É até difícil vê-lo agora. Quem quiser vislumbrar sua silhueta esguia e seu murmurar queixoso, precisa debruçar-se na amurada do Beco dos Pocinhos, e então verá lá embaixo, serpeando entre rosas, árvores e moitas de verdura um pequeno córrego que, de tão tênue, parece já extinto.

Às vêzes os invernos lhe engrossam o corpo e a voz, e êle assume o aspecto dos bons tempos de môço. Passam as chuvas, êle afina de nôvo e suas águas choram baixinho as mágoas de três séculos de desilusões.

O terreno onde corre, assinalado nas fotografias aéreas como uma mancha verde em pleno centro urbano, estava, naturalmente, destinado a ser o grande parque central da cidade, a sua praça mais bela, em cujo centro o Pajeú correria visível e tranqüilo.

Mas o pequeno vale vai dia a dia sendo destruído pela ganância dos homens e a indiferença das autoridades.

Edifícios se elevam, novas ruas se abrem, aterros se sucedem e em breve nada assinalará a lembrança do Marajaig na cidade que êle ajudou a fundar.

É que nos falta ainda mentalidade para compreender que a tradição não é incompatível com o progresso.

"O Povo", de 18 de março de 1965.